

O Interacionismo Simbólico como abordagem teórica para compreensão dos sentidos narrados por mulheres jornalistas¹

Kamyla Álvares Pinto²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

Resumo

Ao narrar histórias, os indivíduos constroem e negociam significados através da participação em sistemas simbólicos. Este artigo busca refletir sobre o Interacionismo Simbólico enquanto quadro de referência teórico para compreensão das trajetórias profissionais de mulheres jornalistas. Ancorado no significado como um dos conceitos centrais, o Interacionismo possibilita uma interpretação social das experiências através das histórias do cotidiano. O percurso metodológico engloba a pesquisa bibliográfica a fim de refletir sobre os principais pressupostos do Interacionismo, seguido da reflexão inicial sobre as contribuições da abordagem para a pesquisa de mestrado em curso. O estudo fornece um norte para a construção de um conhecimento científico baseado na experiência individual e não menos elucidador das relações sociais.

Palavras-chave: Interacionismo Simbólico; narrativas; mulheres jornalistas; sentidos; Estudos da Mídia.

Introdução

O termo Interacionismo Simbólico apareceu, pela primeira vez, no artigo de Herbert Blumer, “Social Psychology”, publicado em *Man and Society*, em 1937. Naquele primeiro momento, a expressão – cunhada de forma improvisada – pareceu ao autor um neologismo um pouco bárbaro, mas que *a posteriori* se popularizou e tornou-se de uso geral, configurando-se como uma abordagem distinta para o estudo da realidade social e das relações humanas (BLUMER, 1986).

Na compilação de seus artigos, publicada no livro *Symbolic Interactionism: Perspective and Method*, na década de 1960, o autor se preocupa em reunir os pressupostos do Interacionismo Simbólico – essa demarcação não esgota a heterogeneidade que caracteriza a perspectiva teórica desde as suas origens, que incluem a contribuição de outros pesquisadores, como a de John Dewey e George H. Mead, e até os seus desdobramentos que integram, a exemplo, os estudos de Peter Berger, Thomas Luckmann, Anselm Strauss e Erving Goffman.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPGEM) da UFRN. Natal-RN, Brasil. E-mail: kamyla.alvares@gmail.com

O Interacionismo Simbólico partilha a ideia de que a realidade é uma construção social, contínua e modelada pelos indivíduos através dos processos de interação, tidos como essenciais e fundadores da vida social (BLUMER, 1986). Nesse sentido, a ancoragem vai de encontro às perspectivas teóricas que concebem a realidade como estática e na qual os atores sociais agem conforme estruturas prévias e regras estritas. No Interacionismo, os sentidos são construídos por meio de processos interpretativos (BLUMER, 1986), o que prevê a autonomia do indivíduo no que concerne a mudança das suas percepções sobre o mundo.

De forma geral, essa perspectiva teórica é de abordagem microsociológica, no sentido em que se propõe a estudar pequenos grupos – no entanto, sem considerar uma homogeneidade dos indivíduos que o compõem, e sem a pretensão de tentar enquadrá-los em padrões –, considerando a realidade sempre em fluxo, tida a partir da forma como as pessoas interagem com as outras e com os objetos em seu contexto, e constroem significados (GIL, 2010), os quais podem ser negociados e readaptados.

Para a compreensão da dinâmica social, o Interacionismo Simbólico coloca-se em oposição ao distanciamento entre o pesquisador e o objeto de investigação, valorizando os métodos qualitativos e a pesquisa de campo – o que permite, enquanto arcabouço teórico, o diálogo com diferentes abordagens e procedimentos metodológicos, a exemplo da etnometodologia, da história oral, da entrevista em profundidade e da observação participante.

Dada a importância metodológica desempenhada pelas teorias no âmbito das Ciências Sociais (GIL, 2010), este artigo busca refletir sobre o Interacionismo Simbólico como quadro de referência teórico para a compreensão dos sentidos que mulheres jornalistas negociam e constroem sobre si, o trabalho e o gênero, e dos significados que atribuem às suas experiências e trajetórias ao narrar o percurso profissional.

Inicialmente, propõe-se um resgate sobre a estreita relação entre a Escola de Chicago e o Interacionismo Simbólico, com destaque para as contribuições de Mead (1982); segue uma explanação sobre a tradição teórica de Blumer (1986) e seus pressupostos e, por conseguinte, breves apontamentos sobre a importância da linguagem e da comunicação à luz das ideias de Strauss (1999). Por último, propõe-se uma reflexão sobre a pesquisa de mestrado em desenvolvimento e a abordagem teórica sugerida para compreensão do seu objeto empírico.

A Escola de Chicago e a origem do Interacionismo Simbólico

A fundação da Universidade de Chicago – em 1895, através do incentivo do milionário John D. Rockefeller e a criação do primeiro Departamento de Sociologia do país pelo filósofo Albion Small foram alguns dos alicerces para a emergência do que se convencionou chamar Escola de Chicago, a qual surgiu no início do séc. XX, nos Estados Unidos³. Influenciada pela corrente filosófica norte-americana do pragmatismo, ela mobilizaria investigadores sociais em torno dos problemas que enfrentava a cidade do meio-oeste estadunidense, a exemplo da pobreza e da imigração, como aponta Becker (1996).

Compilar características das iniciativas científicas que ali se desenvolveram não é tão fácil, por isso para Becker (1996) o uso da denominação "escola" pode causar imprecisão. Para tratar desse esforço, o autor – a partir das ideias de Samuel Guillemard – traça a distinção entre "escolas de pensamento" e "escolas de atividade", definindo a primeira como um grupo de pessoas que são reconhecidas por possuir pensamentos e ideias semelhantes e a segunda enquanto um conjunto de pessoas que trabalham juntas e não obrigatoriamente compartilham a mesma teoria. Na Escola de Chicago, “[...] certas ideias vigentes [...] eram compartilhadas pela maioria das pessoas, mas não por todas; certamente não era preciso que todos concordassem com essas ideias para se engajarem nas atividades que realizavam” (BECKER, 1996, online), por isso a dificuldade para abarcar a diversidade das investigações empreendidas e das abordagens teóricas e metodológicas utilizadas.

Dentre as diversas vertentes exploradas pela escola está a da Psicologia Social, da qual o filósofo e psicólogo George H. Mead foi um dos pesquisadores mais influentes e cujo pensamento – ainda que voltado aos problemas da Psicologia – norteou o seu aluno e precursor, Herbert Blumer, a conceituar o que intitulou Interacionismo Simbólico. As ideias de Mead ajudavam a descrever a natureza da sociedade humana em um ângulo de enfoque da experiência individual, concebendo-a como parte de uma ordem social (MEAD, 1982).

De acordo com Blumer (1986, p. 61, tradução e grifos nossos), “essa abordagem trata da vida em grupo como condição essencial da emergência da consciência [...] sendo os seres humanos organismos possuidores de *si* e a conduta humana na forma de

³ Os dados históricos estão disponíveis em Becker (1996).

atos construídos”, o que se refere às ideias de *Mind, self and Society* – título da obra de Mead (1934; 1982), a qual, segundo Becker, consiste em uma compilação das anotações de aulas realizada pelos alunos. Embora a sistematização de pressupostos não tenha sido uma preocupação de Mead, as questões centrais que por ele foram analisadas, considera Blumer (1986), possuem uma organização implícita e com implicações sociológicas. São elas: o *self*, o ato, a interação social, o objeto e a ação conjunta.

A ideia do *self*, em Mead (1982), está associada ao processo de assimilação da linguagem – a partir dos símbolos de origem sociovocal – por meio da qual se constitui socialmente a mente (*mind/espírito*) e à concepção do homem como consciente de si enquanto objeto das suas ações. Para Blumer (1986, p.62-63, tradução nossa), o *self*, “de forma resumida, fornece ao ser humano um mecanismo de autointeração, com o qual ele conhece o mundo, um mecanismo utilizado na formação e orientação da sua conduta”, isto é, o *self* é tido como um processo reflexivo através do qual os indivíduos percebem as coisas, determinam os significados que elas têm para si e a importância desses para suas ações.

O ato refere-se à ação humana individual dentro da sociedade, é a percepção do ato individual inserido dentro do ato completo, o social (MEAD, 1982). “O ser humano é visto como um organismo ativo, enfrentando, lidando e agindo em relação aos objetos com os quais interage. A ação é vista como uma conduta que é construída pelo ator em vez da resposta obtida de algum tipo de organização anterior” (BLUMER, 1986, p. 65, tradução nossa). É nesse sentido que o indivíduo, com base em suas expectativas, observa e interpreta as ações de outros em interação e define sua conduta.

Sobre a interação social, Mead (1982) acredita que a existência do processo social não depende da interação entre as pessoas, mas que é a partir dela que ele se torna complexo. Em seu pensamento, o autor identifica duas formas de interação, a interação não simbólica quando os seres humanos respondem de forma direta aos gestos e ações dos outros; e a interação simbólica quando interpretam os gestos uns dos outros e agem com base no significado dado pela interpretação (BLUMER, 1986). A respeito da interação simbólica, Blumer (1986, p. 66-67, tradução nossa) destaca algumas questões que precisam ser observadas:

Primeiramente, ela é um processo formativo por direito próprio [...] Os participantes nela têm que construir suas respectivas linhas de conduta por interpretação constante de cada uma das linhas em curso [...] A interação simbólica é também notável de um segunda forma [...] A construção das linhas de conduta é feita através do duplo

processo de definição e interpretação. Este duplo processo opera tanto para sustentar padrões estabelecidos de conduta conjunta como para abri-los para a transformação. Há um terceiro aspecto da interação simbólica que é importante. Ao tornar o processo de definição e interpretação dos atos como central na interação humana, a interação simbólica é capaz de abarcar todas as formas genéricas de associação humana. Abrange relacionamentos como de cooperação, conflito, dominação, exploração, consenso [...].

Os conceitos de objeto e de ação comum são também fundamentais no pensamento de Mead. Os objetos são tidos como construções humanas e não entes autoexistentes que possuem uma natureza intrínseca, por isso os seres humanos vivem em um mundo de objetos e suas atividades são desenvolvidas ao redor desses (BLUMER, 1986). Já a ação conjunta – termo que Blumer utiliza em substituição ao que Mead denomina ato social – refere-se à forma coletiva de ação constituída a partir da conduta dos participantes que integram o grupo (BLUMER, 1986).

As ideias de Mead são consideradas a principal base para a definição do Interacionismo Simbólico por Blumer, que vai além e explicita muitos aspectos fundamentais deixados de lado por aquele, como se vê a seguir.

A tradição teórica de Blumer

Sobre o Interacionismo Simbólico, Blumer (1986, p. 4, tradução nossa) acredita que ele está alicerçado em três premissas principais: a primeira delas refere-se à conduta humana – “[...] o homem orienta seus atos em direção às coisas com base no significado que as coisas têm para ele”; a segunda premissa diz respeito à noção de significado – “[...] o significado dessas coisas surge da interação social”; e a terceira premissa faz referência à interpretação– “[...] esses significados são negociados e modificados através de processos interpretativos utilizados pelas pessoas para lidar com as coisas que encontram ao seu redor”.

Embora a primeira proposição, segundo Blumer (1986), configure-se como uma visão simples sobre a vida social e compartilhada por outras perspectivas teóricas, curiosamente, afirma o autor (1986), ela aparecia ignorada ou minimizada nos trabalhos da psicologia e das ciências sociais contemporâneas. A atenção dada ao significado, de acordo com o autor, também era secundária, aquele era tido como sem importância ou considerado apenas uma ligação entre os fatores responsáveis pelo comportamento humano e a conduta que resultava deles.

Resgata-se, a partir de Blumer (1986), que parecia ser comum a essas áreas a preocupação em identificar os fatores que determinavam o comportamento humano e as condições necessárias para produzi-los – a Psicologia recorria a fatores como estímulos, atitudes, motivos inconscientes e conscientes, entre outros para elucidar e acondicionar a conduta humana; a Sociologia, por sua vez, a fatores como papéis sociais, prescrições culturais, normas e valores etc. – “[...] o significado das coisas para os seres humanos que estão agindo são ou contornados ou engolidos nos fatores usados para explicar o comportamento” (BLUMER, 1986, p. 3, tradução nossa).

De forma contrária, o significado assume um lugar de destaque no Interacionismo Simbólico. De acordo com Blumer (1986), privilegiar os fatores que desencadeiam o comportamento em detrimento do significado que as pessoas constroem em interação com os objetos é uma falta grave no que concerne o entendimento sobre a formação da conduta humana.

Sobre a segunda proposição, Blumer (1986) ressalta que a partir dela é possível diferenciar a abordagem dada pelo Interacionismo Simbólico à primeira proposição, ou seja, distinguir daquelas explicações que são oferecidas por outras perspectivas. Inicialmente, o autor explicita as duas maneiras correntes que tratam da origem do significado – a primeira que considera o significado como inerente ao objeto, como algo natural e objetivo; e a segunda refere-se ao significado como um acréscimo psíquico da pessoa para o objeto.

Diferente das formas tradicionais, para a abordagem teórica proposta por Blumer (1986), a origem do significado está no processo de interação entre as pessoas, o autor acredita nos significados como produtos sociais ou ainda criações constituídas “em e através” das atividades definidas pelas pessoas quando interagem. “O significado de uma coisa para uma pessoa nasce das formas nas quais outras pessoas agem com relação a ela e à coisa. As ações dessas pessoas operam para definir a coisa para a pessoa” (BLUMER, 1986, p. 4-5, tradução nossa).

Sobre a terceira proposição, ela também auxilia na caracterização do Interacionismo Simbólico enquanto perspectiva singular. Blumer (1986) destaca que é engano pensar que o uso do significado é apenas uma aplicação daquilo que deriva da interação, e que esse é um erro comum de muitos estudiosos que seguem a abordagem interacionista – semelhante ao equívoco daqueles que acreditam nas duas correntes tradicionais sobre a origem do significado. Para Blumer (1986, p. 5, tradução nossa), “a

interpretação não deve ser considerada como uma aplicação automática de significados estabelecidos, mas como um processo formativo no qual os significados são utilizados e revisados como instrumentos de orientação e formação da ação”, o autor explica esse processo de mediação através de duas etapas:

Primeiro, o ator indica para si mesmo as coisas em direção as quais está atuando; ele tem que apontar a si mesmo as coisas que têm significado. A criação de tais indicações é um processo social internalizado no qual o ator está interagindo consigo mesmo. Essa interação consigo é algo diferente de uma interação ou elementos psicológicos; é uma instância da pessoa envolvida em um processo de comunicação com ele mesmo. Em segundo lugar, em virtude desse processo de comunicação com ele mesmo, a interpretação se torna uma questão de manipulação de significados. O ator seleciona, verifica, suspende, reagrupa e transforma os significados à luz da situação em que está colocado e da direção da ação dele.

A leitura de Blumer possibilita algumas anotações sobre o quadro teórico que se sugere para compreensão dos sentidos narrados por mulheres jornalistas. Inicialmente, a do entendimento de realidade e sociedade como construções decorrentes do processo de interação. Depois, a da conduta humana tida como dinâmica e viva no sentido em que os indivíduos a constroem a partir da interpretação – processo que implica a criação, negociação e readaptação de significados e ações. E, por conseguinte, a do sujeito social como intérprete, aquele que reflete sobre suas ações e é capaz e autônomo de estabelecer a sua própria compreensão sobre o mundo.

A partir do pensamento de Anselm Strauss – que também adota a perspectiva interacionista em seus estudos – é possível registrar outro apontamento importante sobre a abordagem em tela: o reconhecimento da centralidade da linguagem e da comunicação.

A importância da linguagem e da comunicação na abordagem interacionista

Em Espelhos e Máscaras, Strauss (1999) reforça o papel da linguagem como fundamental na compreensão dos indivíduos e dos grupos sociais. Para o autor, baseado no uso da linguagem, os indivíduos constroem os significados sociais subjetivos que emergem das suas ações: “[...] a linguagem – isso já deveria estar abundantemente claro – está longe de ser periférica ao estudo da ação e da identidade humana” (STRAUSS, 1999, p.47). Além disso, destaca a comunicação como responsável pela ordem social:

A vida em grupo está organizada em torno da comunicação. A comunicação consiste não apenas na transmissão de ideias da mente de uma pessoa para outra, significa também sentidos compartilhados. “Compartilhado” quer dizer mais do que o emprego desses termos de forma suficientemente análoga para que as pessoas se entendam entre si; significa também que os termos derivam de uma ação comunicativa e, por sua vez, permitem essa mesma ação (STRAUSS, 1999, p.149-150).

Da admissão da importância desses dois aspectos decorre a relevância do entendimento simbólico da vida humana. Para Strauss (1999, p. 150), “a constituição de qualquer grupo humano não é um fato físico, mas simbólico”. Aqui, vale destacar que os significados não estão apenas na nossa cabeça, mas implicam efeitos reais e regulam as práticas sociais, uma vez que o material e o simbólico não têm só sentidos materiais ou só simbólicos, respectivamente. Desse modo, a aceção do “homem como animal simbólico” (CASSIRER, 1994, p. 50) é pertinente para explicar as ações humanas – ressaltando-se que o Interacionismo recusa qualquer tipo de determinismo, inclusive, o cultural – na medida em que o homem está em um universo simbólico no qual tece a sua experiência.

Para Strauss (1999, p. 153-154), “os símbolos estão prenhes de possibilidades de convergência e divergência, de combinação e permuta. Os sentidos, para citar [...] John Dewey, ‘geram novos sentidos’”. O autor destaca que os indivíduos que compõem um grupo sempre levam consigo o conjunto de símbolos provenientes de sua participação em outros grupos.

Desse modo, apreende-se que toda interação implica um mundo de formas simbólicas não universais – nomeadas, classificadas e interpretadas pelos indivíduos –, as quais permitem que os significados sejam negociados e construídos e que a realidade seja constituída enquanto fluxo da experiência individual e subjetiva, além de sempre interacional, o que implica a presença dos outros. O conhecimento que decorre das investigações que adotam a perspectiva interacionista, nesse sentido, não tem a pretensão de ser totalizante, e sim de oferecer uma leitura dos sentidos os quais se constroem no aspecto relacional e orientam as ações humanas.

Os pressupostos apresentados até aqui orientam a escolha do Interacionismo Simbólico como abordagem teórica da pesquisa de mestrado em desenvolvimento. Na seção a seguir, contempla-se uma reflexão inicial sobre as contribuições dessa delimitação para a compreensão das narrativas das trajetórias profissionais de mulheres jornalistas.

Os sentidos narrados por mulheres jornalistas a partir da interação simbólica

Refletir sobre o título desta parte do artigo exige, inicialmente, dois apontamentos. O primeiro deles é que o mundo que se pretende compreender é o do jornalismo⁴, em específico, o das redações e das assessorias de comunicação do Rio Grande do Norte. Especialmente, percorrer o mundo narrativo das trajetórias de mulheres jornalistas⁵, com tempo de atuação profissional igual ou superior a 15 anos, a fim de compreender como elas negociam e constroem sentidos sobre si, o trabalho e o gênero, e atribuem significados às suas experiências ao narrar o percurso profissional.

A delimitação do mundo e dos sujeitos investigados é importante frente à complexidade que ambos possuem. Para Strauss (1999, p.162), “[...] mesmo um mundo razoavelmente bem estruturado e bastante visível [...] suscita problemas de identidade fabulosamente difíceis: para seus próprios membros, e para aqueles cientistas sociais que desejam estudar as identidades [...]”.

No mundo do jornalismo – que passa por “mudanças estruturais” (PEREIRA; ADGHIRNI, 2011), isso significa, a exemplo, transformações no perfil dos jornalistas profissionais, novos debates sobre suas identidades ou acerca do papel democratizante das novas mídias –, a diversidade de percursos profissionais e os diferentes estatutos que integram a ocupação do jornalista são alguns dos fatores que implicam uma multiplicidade de experiências.

É consensual, segundo Pereira (2011), em muitas pesquisas da área, a dificuldade em compreender o jornalismo a partir de uma única trajetória. As ideias de Strauss (1999, p. 162) sobre o estudo dos mundos sociais e dos indivíduos que o compõem também tratam sobre isso: “[...] quando começamos a discutir não apenas os mundos em si, mas também seus membros, colocamos complexidade em cima de complexidade”.

O segundo apontamento necessário refere-se à escolha metodológica da investigação em andamento: a história oral que, nas palavras de Meihy (1996, p. 13), “é

⁴ O mundo do trabalho dos jornalistas é, majoritariamente, composto por mulheres brancas, solteiras e com até 30 anos (MICK; LIMA, 2013). A “feminização” é apontada por Traquina (2005), como uma das quatro metatendências na evolução da profissão, acompanhada de “expansão”, “rejuvenescimento” e “aumento da escolaridade e formação universitária”. A participação numérica das mulheres no jornalismo aumentou no final do séc. XX, acompanhando um fenômeno global de inserção das mulheres no mercado de trabalho, o qual no país se intensifica a partir da década de 1970.

⁵ Dados da Radiografia do Jornalismo Potiguar, pesquisa realizada no âmbito do PPGEM/UFRN, em 2013, mostram que, no estado, as mulheres jornalistas têm trajetórias profissionais mais curtas e menos valorizadas, uma vez que poucas chegam a cargos de chefia.

sempre uma história do tempo presente e também conhecida por história viva”. Essa metodologia encontra-se intrínseca a uma forma primeira da comunicação: a de contar histórias, isto é, a tradição oral – as narrativas se configuram a partir do momento em que o sujeito “conta” fragmentos e/ou episódios de sua experiência a outra pessoa – e o seu uso para a compreensão das trajetórias pessoais e das relações sociais nas investigações científicas configura-se como natural.

Essas observações iniciais sobre o mundo do jornalismo, as mulheres jornalistas como sujeitos da pesquisa de mestrado em curso e da história oral como ancoragem metodológica já derivam da escolha do Interacionismo Simbólico enquanto quadro teórico no sentido em que esse considera fundamental, segundo Blumer (1986): a) a existência de um mundo empírico que deve ser confrontado a partir da observação, do estudo e da análise – o que implica o contato próximo entre o pesquisador e os sujeitos de investigação e a predileção pelo estudo de pequenos grupos, a exemplo da pesquisa a que se refere aqui –; b) e a compreensão da realidade empírica por meio da interação simbólica – o que nos leva a propor escutar as histórias das mulheres jornalistas e suas trajetórias subjetivas e considerar as narrativas de seus percursos profissionais como *corpus* de análise a partir da linguagem.

É a partir dos processos interpretativos que a conduta humana torna-se dinâmica e viva, pois são os significados que orientam as ações dos indivíduos e que norteiam a compreensão dos sujeitos sobre si a partir da interação. Para Strauss (1999), “a identidade está associada às avaliações decisivas feitas de nós mesmos – por nós mesmos ou pelos outros. Toda pessoa se apresenta aos outros e a si mesma, e se vê nos espelhos dos julgamentos que elas fazem dela” (STRAUSS, 1999, p. 29).

O interesse especial em compreender as mulheres jornalistas a partir da narração de suas trajetórias perpassa pelo entendimento de que toda a experiência social pode ser expressa por meio da oralidade e como narrativa. Ao narrar o percurso profissional e as diferentes situações de trabalho e emprego, elas negociam e constroem sentidos sobre si, o trabalho e o gênero, por meio da participação em sistemas simbólicos da cultura.

De acordo com Strauss (1999, p. 62), ao destacar a interação em ambientes institucionais, o pesquisador “[...] tende a descrever sobre as maneiras como as pessoas encaram as outras pessoas, os motivos que atribuem uma à outra; e está interessado nas consequências que decorrem desse tipo especial de nomeação”. Desse modo, a interação

simbólica e os significados de que dela resultam a partir da interpretação individual são capazes de revelar aspectos da cultura e do poder.

No jornalismo, a destacar, relações de poder que se constroem entre jornalistas, público, chefia, fontes oficiais, entre outros participantes. A negociação e a construção desses significados se dão a partir da vida cotidiana, do encontro com os mundos sociais aos quais os jornalistas se afiliam e da vivência com os outros indivíduos com os quais interagem por meio, sobretudo, da linguagem. A última, de acordo com Strauss (1999, p. 35), configura-se como ponto central de qualquer discurso sobre os seres humanos: “[...] uma exposição propriamente teórica das identidades e ações dos homens deve colocar a linguística humana no centro das discussões”.

Considerar a importância da linguagem aqui é essencial na medida em que se elege a história oral como metodologia. É a partir desse conjunto de símbolos que os sujeitos da investigação negociarão e construirão os significados sobre o mundo do trabalho e sobre suas trajetórias pessoais; e que a investigadora interpretará – a partir do aspecto relacional e de forma compreensiva – essa realidade empírica que se apresenta em fluxo e viva, e que revela fragmentos da experiência humana.

Na perspectiva dialógica da linguagem, da qual Bakhtin é um dos maiores expoentes, e cujos pressupostos são capazes de dialogar com o Interacionismo, a verdadeira substância da língua é constituída “pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações” (BAKHTIN, 2009, p. 117). Para o autor, a realidade fundamental da língua é a interação verbal e a palavra é tida como o “território comum do locutor e do interlocutor”. Essa relação de reciprocidade converge para a “dupla identidade” da história oral de que fala Meihy (1996, p. 31): inicialmente, a do narrador que é o responsável por relatar a sua história pessoal ou fatos dela; e, em seguida a do pesquisador que conduz a investigação e, após a entrevista, organiza essas narrativas na busca pela compreensão do seu objeto.

O olhar que se propõe, assim, é aquele que vê as mulheres jornalistas enquanto sujeitos, além da objetualidade, para compreender suas narrativas. O olhar que não ignora a reciprocidade entre elas e a pesquisadora. O olhar os sentidos que são construídos na fricção do acontecimento, no “durante”, e que não estão no ser ou no mundo, mas que são construídos a partir da interação entre eles, no presente. Esse olhar, que escolhe a história oral como ancoragem metodológica, se materializa por meio da entrevista, que se sabe não ser apenas mediada pelo gravador de voz.

Por último, é imprescindível destacar mais uma contribuição do Interacionismo Simbólico para a pesquisa de mestrado em desenvolvimento – que talvez já tenha sido explicitada anteriormente – a centralidade do conceito do significado. Essa possibilita a construção de uma hermenêutica social das experiências profissionais através das histórias do cotidiano – individuais e subjetivas. Além disso, permite uma abordagem que implica a dimensão da significação no pragmático mundo do trabalho.

Bosi (1988, p. 76) lembra que, no modelo científico clássico, só existe “uma visão verdadeira, uma intuição certa, e esta não atende ao ‘testemunho flutuante dos sentidos’”. É desse modo que o Interacionismo Simbólico – que se desenvolveu como uma forma alternativa frente às tradicionais escolas de pensamento da sociologia e, de forma marginal, no que se refere aos estudos da comunicação – aparece como uma perspectiva adequada à compreensão das trajetórias das jornalistas potiguaras.

Do pensamento do mundo do trabalho e dos percursos profissionais a partir da interação simbólica decorre a percepção da autonomia dessas mulheres no que diz respeito à negociação e à construção dos sentidos sobre si, o trabalho e o gênero. Elas lidam com os objetos e os indivíduos que encontram ao seu redor, interpretam e atribuem significados, organizam a sua própria compreensão sobre o mundo e revelam as características das relações humanas e de poder no jornalismo.

Considerações Finais

As ideias apresentadas aqui refletem uma tentativa inicial de delimitar o quadro teórico da pesquisa de mestrado em curso, que se preocupa em compreender as trajetórias de mulheres jornalistas a partir dos sentidos que negociam e constroem sobre si, o trabalho e o gênero, e das formas como atribuem significados às suas experiências ao narrar o percurso profissional. A abordagem teórica sugerida, o Interacionismo Simbólico, revela aspectos que ajudam a orientar e delimitar a ancoragem metodológica e as ferramentas que serão utilizadas no decorrer da investigação. Esse norte se constrói, sobretudo, por meio da importância dada à interação, à interpretação, à linguagem, à comunicação e ao significado.

A compreensão da realidade como socialmente construída, outra ideia que se resgata dessa perspectiva, direciona o estudo para o reconhecimento dos indivíduos como intérpretes – capazes de ler os significados postos e reinterpretá-los. Além disso, conduz a investigação para a construção de um conhecimento científico baseado na

experiência individual – mas não menos elucidador das relações humanas e de suas implicações.

Por último, convém ressaltar que a apresentação dos pressupostos do Interacionismo Simbólico por meio da visão precursora de Mead (1972) e Blumer (1986) não esgota a possibilidade de relacionar o objeto empírico com outros autores que desdobram os preceitos fundamentais da abordagem. Neste artigo, já se estabeleceu o diálogo com Anselm Strauss (1999), em *Espelhos e Máscaras*; e, no decorrer da sua elaboração, outros autores que podem colaborar para os desdobramentos dessa primeira reflexão foram mapeados, a exemplo: Peter Berger e Thomas Luckmann (1995), em *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*; Howard Becker (2009), em *Outsiders: estudos de Sociologia do Desvio* e Everett Hughes, com contribuições em vários estudos que tratam sobre o homem, a profissão e a carreira. Além disso, observou-se que outro diálogo possível é com a sociologia fenomenológica de Alfred Schutz.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BECKER, Howard. A escola de Chicago. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 177-188, Oct. 1996. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131996000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 jan. 2017.

BLUMER, Herbert. **Symbolic Interactionism: Perspective and Method**. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1986.

BOSI, Alfredo. **Fenomenologia do Olhar**. In: NOVAES, Aduino (Org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o Homem**: introdução a uma filosofia da cultura humana. Martins Fontes: São Paulo, 1994.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. O jornalismo em tempo de mudanças estruturais. **Intexto**, Porto Alegre, v. 1, n. 24, p. 38-57, jan./jun. 2011.

PEREIRA, Fábio Henrique. Possibilidades de aplicação do conceito de carreiras profissionais nos estudos sobre jornalismo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34, 2011, Recife. **Anais...** Recife: Intercom, 2011.

MEAD, George H. **Espíritu, Persona y Sociedad**: desde el punto de vista del conductismo social. 3. ed. Paidós: Buenos Aires, 1972. Tradução de Florial Mazía.

STRAUSS, Anselm L. **Espelhos e Máscaras**: a busca da identidade. Edusp: São Paulo, 1999.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: por que as notícias são como são. v. 1. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.